

No dia 1º de abril será inaugurada em Dakar uma série bienal de festivais de arte negra. Participarão do festival os países africanos e aqueles americanos que possuem população negra. Serão expostas obras de arte de autores negros, e serão apresentados filmes, peças teatrais, música e danças de autores e executantes negros. Haverá um colóquio de especialistas em cultura negra. Dakar será transformada em foco do mundo negro. Creio que se trata de um acontecimento de primeira grandeza, não apenas pelo interesse artístico inerente, mas ainda como sintoma de uma tendência da atualidade. O aspecto artístico do festival será discutido, sem dúvida, em artigos neste "Suplemento" depois da realização do acontecimento. O Brasil estará representado, (um dos países de maior população negra no mundo que é), em grande parte do programa. Não duvido que os nossos críticos de arte acompanharão o seu desenvolvimento com atenção e publicarão o resultado. E mesmo se isto não acontecer, haverá uma cobertura pela crítica americana, já que obviamente será a delegação dos Estados Unidos a mais numerosa. E essa crítica americana terá seus reflexos neste "Suplemento". Não tocarei portanto, no presente artigo, em aspectos artísticos do festival negro. Procurarei discutí-lo como sintoma da situação na qual estamos.

Algo em nós se rebela quando ouvimos ou articulamos o termo "negro". Toda tentativa de classificar homens é degradante, porque despreza o individual e o preciosamente inclassificável que dignifica o homem. Mas quando as tentativas de classificar tomam por base critérios culturais, como o termo "burguês", ou "luterano" ou "brasileiro", a sensação da degradação não é vivenciada. O termo "negro" tem por base de classificação critérios não de cultura, mas de biologia. É degradante, porque degrada o homem ao nível sub-humano. Ao pronunciarmos o termo "negro", devemos imediatamente acrescentar que se trata de termo significativo apenas em contexto da biologia. Em contexto diferente, por exemplo em contexto cultural, moral ou político, carece esse termo de todo significado. Se racistas recorrem ao termo "negro" nesses contextos, cometem um pecado semântico, o qual é sempre sinal de um pecado mais fundo. Trata-se, nos discursos racistas, de um abuso do pensamento biológico, já que transferido para camadas de significado nas quais se torna incompetente. É por isto que o termo "negro" na boca de um racista choca ainda mais que o termo "burguês" na boca de um marxista.

Infelizmente devemos admitir que camadas de significado se cruzam. Embora o termo "negro" seja próprio do discurso da biologia, e o termo "arte" do discurso que tem por assunto a cultura, a expressão "arte negra" não é totalmente in-significativa. É uma expressão perigosa, sem dúvida, porque tende a confundir camadas de significado, mas é uma expressão legítima não obstante. Pois em Dakar essa expressão perigosa foi elevada em título de um festival por "negros". Imaginem um festival de arte branca para avaliar o perigo. Há um clima vagamente sinistro no título do festival, como que anunciando uma reavaliação dos

VILÉM FLUSSER

valores racistas dentro das mesmas coordenadas. Há nele como que um desafio aos racistas, mas um desafio nefasto, porque aceita as premissas racistas. E isto é sintoma de uma tendência da atualidade. Antes de considerar essa tendência, procurarei definir o termo "negro" no seu contexto legítimo, na biologia, e procurarei discutir a legitimidade da expressão "arte negra". De acordo com a Encyclopaedia Britannica toda a população do hemisfério oriental entre a Senegambia e as Ilhas Fiji apresenta certas características comuns que permitem classificá-la como negroide. Negros no sentido estrito do termo são os habitantes da África ao Sul do Saara e ao norte de uma linha que vai do Golfo de Biafra até a desembocadura do Tana. As populações ao sul dessa linha, portanto os Bantu, Bushman e Hottentot, são raças mistas. Os negros no sentido estrito do termo, isto é os sudaneses, apresentam determinados traços que os distinguem nitidamente de outras raças. Alguns entre esses traços, como o prognatismo, representam uma semelhança com traços antropóides, mas outros, como o caráter do cabelos, representam um estágio evolutivo superior aos brancos. Quanto à sua capacidade mental, todas as tentativas de medi-la são viciadas pelo fato de serem os testes projetados por brancos, e todas as afirmativas neste sentido não passam, no fundo, de conversa fiada. Os traços característicos do negro não são encontrados em estado "puro" nem entre os negros no sentido estrito do termo, porque entre os sudaneses há infiltração de traços hamíticos e árabes. Inversamente, traços negros podem ser encontrados em toda a população da Terra. Os chamados "negros" do hemisfério ocidental são populações descendentes, em parte, dos povos negros e negroides da África, mas em parte muito maior dos povos hamíticos e semitas da África, dos indígenas americanos e de todos os povos europeus. Em suma: o termo "negro" é um termo teórico que procura explicar certos fenômenos observados na espécie biológica "homo sapiens", mas que não pode ser aplicado a rigor a nenhum indivíduo humano. Em certo sentido ninguém é negro, e em outro sentido todos os homens são negros.

A expressão "arte negra" não designa, quando usada legitimamente, uma arte feita por negros, mas a arte africana ao sul do Saara. O âmbito da expressão é tão vasto a ponto de ser quase insignificativo. Mas podemos vivenciar, em todas as manifestações dessa cultura variada, um clima existencial dificilmente definível que as distingue da cultura europeia. O ritmo potente da sua música, os movimentos expressivos da sua dança, a virilidade plástica das suas máscaras e estátuas, atestam um domínio do espírito sobre a natureza que tem estrutura diferente da cultura do Ocidente. A cultura africana brota de uma diferente experiência do mundo e de mitos diferentes. É uma maneira diferente do homem afirmar a sua dignidade face ao mundo que o cerca. Se considerarmos que os povos que participam dessa cultura pertencem em grau maior aos "negroides" que por exemplo os europeus, os indianos ou os orientais, a expressão "arte negra" adquire uma certa legitimidade, embora muito vaga. Mas essa expressão

VILÉM FLUSSER

minimiza, como toda tentativa de classificar, as influências que penetram to da cultura de fóra, e as que toda cultura irradia para fora.

O festival da arte negra visa, obviamente, preservar e fortalecer essa arte ameaçada. E não pode haver dúvida que está ameaçada, e o está em grau maior desde a libertação política de diversos países africanos. Libertação política é, em si mesma, um valôr de uma cultura não africana, e tras como consequência uma infiltração crescente de valores externos. Dado esse influxo, perdem os valores africanos progressivamente validade. Surge um estágio transitório no qual os valores tradicionais ainda não perderam toda eficiência, mas já começam a esvasiar-se, e os valores externos já começam a normalizar o comportamento, mais ainda continuam a serem vivenciados como externos. Nessa situação crítica, na qual se encontra atualmente a sociedade africana, provoca duas reações opostas: assimilação e conservativismo. Quando equilibradas, poderão as duas reações resultar em síntese criadora. É este o desafio que confronta a sociedade africana atualmente. O festival de arte negra é uma resposta ao desafio, mas uma resposta que salienta mais a reação conservadora, e menos a reação assimiladora. E este exagero é compreensível. A influência dos valores externos, (identificados, na África, com valores "brancos"), é tão mais poderosa que os valores domésticos enfraquecidos, que parece óbvio querer fortalecer o lado mais fraco. E existe um momento sentimental muito compreensível que predispõe o africano a uma antipatia para com os valores que durante centenas de anos serviam de capa para opressões, e a uma simpatia para com valores que tem sido oprimidos. Mas embora compreensível, é esta tendência lamentável e perigosa. Procurarei mostrar porque assim a julgo.

Que ameaça a arte africana? Em última análise é o progresso desenfreado da tecnologia que varre tudo na sua frente e transforma a sociedade humana em massa amorfa. É verdade que a tecnologia é produto da cultura ocidental, e neste sentido podemos dizer que é a cultura ocidental que triunfa sobre a Terra. Mas não é menos verdade que a tecnologia é uma excrescência da cultura ocidental, e que essa excrescência ameaça a própria cultura da qual surgiu. Neste sentido podemos dizer que a tecnologia ameaça todas as culturas, inclusive aquela da qual é desenvolvimento. Em última análise, todas as culturas encontram-se face ao mesmo desafio da africana, embora a africana o sinta mais imediatamente. Trata-se, em todas as culturas, do mesmo problema: como assimilar o progresso violento da tecnologia aos valores tradicionais, e como assimilar esses valores ao progresso. Ou resolveremos esse problema, ou mergulharemos todos naquele abismo caracterizado pelo esvasiamento de todos valores, já que o progresso mesmo não é valorativo.

Os africanos não nossos irmãos nessa luta que somos chamados a travar contra o esvasiamento dos valores pela tecnologia. E não resta dúvida que uma das armas mais poderosas das quais dispomos para a luta é a arte. O perigo que representa a meu ver o festival da artenegra

VILÉM FLUSSER

é o fato de ele não salientar essa irmandade de todas culturas. Há nele a pressuposição implícita que a cultura ocidental ameaça a africana, quando na realidade ambas estão ameaçadas. E isto é um sintoma de uma tendência da atualidade. É a tendência da humanidade não ocidental de distanciar-se do Ocidente com hostilidade, sem se dar conta, talvez, que nesse distanciamento está aceitando o que há de mais indigno na cultura do Ocidente.

Mas no caso específico do festival de arte negra em Dakar existe um elemento que poderá modificar essa tendência nefasta. "Negros" do hemisfério ocidental, e mais especificamente brasileiros foram convidados. No Brasil está surgindo uma cultura sintética, da qual participam fortes elementos africanos, mas já elevados a um nível novo. Não existe "arte negra" no Brasil, mas começa a articular-se uma arte da qual participam elementos africanos. E estes elementos nada têm a ver com a "raça" do artista. Um artista biologicamente "branco" ou "amarelo" pode sofrer sua influência muito mais que um artista biologicamente "negro". Felizmente os organizadores do festival parecem ignorar esse fato. Esse malentendido feliz abre uma brecha na "negritude" do festival e permite que nele se articulem os esforços brasileiros pela superação criativa das barreiras. Trata-se de uma oportunidade feliz para a cultura brasileira. É uma das raras vezes nas quais o Brasil pode começar a desempenhar o papel que lhe parece estar reservado no concerto das culturas: o papel de sintetizador, e, neste sentido, de pioneiro. O Brasil representará, em Dakar, uma tentativa de elevar a "arte negra" para um nível universal de significado. Porque no Brasil procura-se preservar e fortalecer a arte africana ao assimilá-la à arte ocidental e oriental, e forjar assim uma arma poderosa na luta pela sobrevivência dos valores humanos frente a tecnologia. Creio que a participação do Brasil no festival de Dakar marca uma etapa importante na história cultural do Brasil e do mundo.

Certamente representará o festival um acontecimento artístico fascinante. Danças tribais de todos os cantos da África serão apresentados. "Spirituals" americanos serão confrontados com cantos de fertilidade. Escultura fetichista e abstrata figurará lado a lado. Mas além e acima de tudo isto haverá o impacto da cultura brasileira sobre a africana: o impacto de uma cultura que está em vias de resolver o problema que confronta África e a humanidade toda. Confesso que espero emocionado pelo resultado do acontecimento.